



PPGELL

Programa de Pós-Graduação em Ensino da
Língua Portuguesa e suas Respeixivas Literárias



CRÔNICA

UMA EXPERIÊNCIA DE RECEPÇÃO LITERÁRIA

ORIENTADOR: PROF. DR. RAPHAEL BESSA FERREIRA
MESTRANDO: BRÉNO BILLY DE OLIVEIRA SANTOS

APRESENTAÇÃO

Caro(a) professor(a),

O presente produto educacional intitulado “Crônicas, uma experiência de recepção literária”, o qual foi resultado de uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará (UEPA), na linha de pesquisa Estudos Literários e suas práxis educativas. Nasce também do desejo de contribuir para o ensino de literatura na educação básica, compreendendo a leitura como prática estética, formadora e humanizadora. A proposta aqui apresentada parte da convicção de que a escola deve consolidar-se como espaço de formação de leitores sensíveis e críticos e criativos, capazes de perceber a literatura como experiência de significação e de ampliação de horizontes, e não apenas como conteúdo escolar.

Dentre os gêneros literários previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a crônica foi escolhida como eixo estruturante deste trabalho. Esta escolha fundamenta-se por sua natureza híbrida e sua linguagem acessível, que aproxima o texto literário do universo do estudante e, ao mesmo tempo, provocar reflexões sobre a realidade social. Por sua brevidade e fluidez, o gênero dialoga de modo natural com o público juvenil do ensino médio, tornando-se um ponto de partida potente para o exercício da leitura crítica e da produção autoral. Conforme afirma Antônio Candido (1981), sua força expressiva reside em transformar o comum em poético, o trivial em revelação, abrindo espaço para o olhar crítico e para a sensibilidade estética.

O material aqui foi construído com base na teoria da estética da recepção de Hans Robert Jauss (1994), na concepção de letramento literário de Rildo Cosson (2006). A partir desses referenciais, elaborou-se uma sequência didática (SD) estruturada em quatro encontros articulados, que orientam o professor no desenvolvimento de uma prática literária viva e significativa: o primeiro busca ativar o horizonte de expectativas do aluno ao despertar interesse pelo gênero de modo indireto; o segundo promove contato estético com diferentes crônicas; o terceiro propicia a leitura crítica e reconhecimento estruturais do gênero e o quarto culmina na escrita e socialização das produções autorais.

As crônicas mobilizadas ao longo dos encontros foram selecionadas por sua diversidade temática e potencial de leitura crítica do cotidiano, sendo elas: "O caso da aranha", de Mário de Andrade; "Notícia de jornal", de Fernando Sabino; "A bola", de Luis Fernando Veríssimo; "O vendedor de queijos", de Alexandre Azevedo; "Da utilidade dos animais", de Carlos Drummond de Andrade; e, no encerramento, "Meu ideal seria escrever", de Rubem Braga.

Mais do que um roteiro de aulas, esta sequência didática pretende ser um espaço de experimentação estética, no qual a literatura é vivenciada com processo de recepção, reflexão e criação. O professor é convidado a atuar como mediador, instigando a leitura compartilhada e a escuta sensível, enquanto os estudantes assumem o papel de leitores-autores, capazes de construir sentidos e expressar sua visão de mundo por meio da escrita. Ao propô-los esta experiência, reafirma-se a literatura como direito humano e como instrumento de emancipação. O gênero crônica, nesse contexto, converte-se em via de formação e expressão, despertando um olhar crítico para a vida cotidiana e reafirmando a potência da palavra como caminho para compreender e transformar o mundo.

Índice

Apresentação	03
Capítulo 01 - Encontro de motivação e introdução	05
Capítulo 02 - Encontro de leitura	08
Capítulo 03 - Encontro para interpretação	11
Capítulo 04 - Encontro para socialização e autoavaliação	14
Anexos	

CAPÍTULO 01

ETAPA: MOTIVAÇÃO E INTRODUÇÃO

Função: despertar interesse, ativar repertórios, criar vínculo entre aluno e texto e, neste caso, o gênero.

Antes da aula: Prepare o espaço da sala de aula, modifique o layout das cadeiras, crie um ambiente acolhedor e receptivo, defina que o encontro foi idealizado como um espaço de escuta, trocas e aprendizagens colaborativas.

Objetivos do encontro:

- Mobilizar o horizonte de expectativa dos alunos ao assistirem um episódio da animação, explorando a temática do medo e o perfil do personagem e associando a experiências pessoais;
- Promover uma leitura estética e afetiva, não meramente classificatória;
- Articular linguagens diversas: imagem, texto e fala;
- Conexão intersemiótica entre os formatos de textos apresentados.

Recursos didáticos:

- Aparelho com projeção de vídeo;
- Episódio do desenho "Coragem, o cão covarde";
- Cópias impressas da crônica "O caso da aranha" de Mário de Andrade;
- Quadro e pincel.

ATIVAÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVA (PRÉ-LEITURA)

O professor, de forma enigmática, escreve a palavra "medo" no quadro, em seguida, pergunta aos alunos: o que vocês entendem por medo? E abre o espaço para que eles socializem suas percepções sobre o tema. Na sequência, apresenta o vídeo "Coragem o Cão Covarde Episódio Piloto", hospedado no youtube. Assim, terminando o vídeo, lança mais um questionamento: "Vocês sentem ou já sentiram medo de quê?", estimule os alunos para contarem um dia em que tiveram medo de algo e que, ao mesmo tempo, foi uma situação engraçada (se algum aluno disser que tem medo de insetos, faça uso dessa informação).

Link: <https://youtu.be/6o6iXEpq1rU?si=3D6FAbWakCNp9EhD>

ETAPA: MOTIVAÇÃO E INTRODUÇÃO

EM DIREÇÃO AO TEXTO: LEITURA DA CRÔNICA

Distribua uma cópia da crônica "O caso da aranha" de Mario de Andrade, faça uma leitura em voz alta. Após a leitura, abra um espaço para discussão sobre o texto, use este espaço para criar conexão entre o vídeo e o texto.

QUEBRA DO HORIZONTE (RECEPÇÃO ATIVA)

Instigue-os com os seguintes questionamentos: Qual a primeira impressão que o tema do texto causou? Qual relação você identifica entre a história do cão Coragem e a de Mário de Andrade? Você já vivenciou uma situação parecida, como reagiu? O que você achou do desfecho do texto?

Observação: aqui, o professor deve frisar aos alunos que o texto não tem sentido fixo, mas é atualizado a cada leitura, seja por fator de idade, gênero, aspectos culturais, etc. e que esse processo é um espaço de construção de novos sentidos.

PRODUÇÃO E ATUALIZAÇÃO (PÓS-LEITURA)

Os alunos reproduzem oralmente um fato em que vivenciaram uma situação parecida. Socializam com a turma, mediados pelo professor e surgirão novas situações a partir do cotidiano para a discussão. Peça para que se arrisquem a atribuir outros significados aos símbolos representados no texto, aproximando ainda mais com a própria realidade.

FECHAMENTO CRÍTICO

Professor, retome a fala, ressalte os pontos importantes do encontro, ressaltando que tanto o texto em mídia, quanto o texto escrito, dialogam com a realidade da vida, com cotidiano, com fatos corriqueiros e que é possível escrever sobre isso.

CAPÍTULO 02

ETAPA: LEITURA

Função: contato direto com o texto, experiência estética inicial.

Antes da aula: prepare a sala de aula, informe aos alunos detalhes do trajeto do encontro, os objetivos da aula, ressalte a importância da leitura para a formação integral como cidadão. Retome alguns pontos do que foi discutido na aula anterior.

Objetivos do encontro:

- Estimular o envolvimento emocional, crítico e sensorial com o texto literário;
- Realizar a leitura expressiva e reflexiva de crônicas com foco na escuta estética e na pluralidade de sentidos;
- Desenvolver habilidades de leitura compartilhada e apropriação da linguagem literária;
- Explorar como diferentes crônicas provocando deslocamentos de leitura articulando ao contexto social dos alunos;
- Trabalhar a ideia de que a recepção literária é histórica e que o texto adquire novos sentidos em cada geração.

Recursos didáticos:

- Cópias impressas das crônicas “Notícia de jornal” de Fernando Sabino, “A bola” de Luís Fernando Veríssimo, “O vendedor de queijos” de Alexandre Azevedo e “Da utilidade dos animais” de Carlos Drummond;
- Quadro e pincel.

ATIVÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVA (PRÉ-LEITURA)

Inicie com um questionamento: “Você acha possível que os fatos do dia a dia podem ser tema da aula de leitura e literatura?” e abra espaço para a socialização das percepções. Recolha algumas respostas e mostre que muitos podem achar o cotidiano “banal” ou “sem graça”, mas que a literatura pode revelar sentidos nos detalhes. Após isso, apresente os temas das crônicas aos alunos, escrevendo os títulos no quadro e indague: “O que vocês esperam do conteúdo do texto a partir do título?”. Quando eles acessarem o texto, podem se deparar com um texto completamente diferente do esperado, por isso, ressalte que não é classificado como errado durante a aula. Permita que se expressem e que discorram livremente sobre suas expectativas.

ETAPA: LEITURA

LEITURA DOS TEXTOS

Para este momento, peça que cada aluno escolha o texto referente ao título a seu gosto e proponha a leitura em grupo, conforme a escolha, ou seja, os grupos não serão divididos por quantidade de alunos, mas pela escolha do texto, garanta que todos os membros de cada grupo tenham em mãos uma cópia individual. Feitas as distribuições, estabeleça um tempo de leitura silenciosa e após, um tempo de discussão interna para cada grupo. Mantenha a mediação individual para cada grupo neste tempo.

TROCA DE RECEPÇÕES (JAUSS EM PRÁTICA)

Agora, cada grupo deve apresentar suas impressões aos outros. Destaque aos alunos como as leituras diferem mesmo dentro do próprio grupo, ressalte a presença dos símbolos e como os sentidos podem ser alterados quando lido em um tempo ou pela perspectiva diferente do tempo e contexto da realidade deles. Peça aos alunos não um resumo, mas que destaquem o que chamou atenção e como o texto aborda os fatos corriqueiros.

PRODUÇÃO CRIATIVA (PÓS-LEITURA)

Neste passo do encontro, mobilize os grupos a criarem microtextos sobre algo “banal” do dia a dia (ex.: ônibus atrasado, celular descarregado, conversa de família), oriente-os a ter um olhar crítico, reflexivo ou poético, como os autores do texto que eles escolheram.

Observação: se um grupo muito grande escolheu um texto, na produção, devem ser divididos em dois.

FECHAMENTO CRÍTICO

Conclua o encontro com um momento de orientação de produção individual, com cada grupo. Reforce que cada texto é uma experiência viva e que pode alcançar outros significados a partir de outras leituras.

CAPIÍTULO

03

ETAPA: INTERPRETAÇÃO

Função: problematizar, discutir, conceituar, atualizar sentidos, confrontar horizontes.

Antes da aula: Apresente o roteiro do encontro aos alunos, peça que registrem informações relevantes para seguir de forma ainda mais efetiva no percurso, sempre garantindo que o espaço é aberto a questionamentos e escutas. Retome alguns momentos vivenciados na aula anterior e inicie revelando que os textos lidos até este encontro são crônica, em seguida apresente os com conceitos fundamentais para compreensão e apreensão do gênero.

Objetivos do encontro:

- Conceituar o gênero crônica a partir da leitura experienciada na aula anterior;
- Identificar elementos estruturais, temáticos e estilísticos da crônica;
- Analisar criticamente os textos lidos à luz de suas características como gênero;
- Consolidar a crônica como prática de fruição estética e autoria;
- Valorizar a multiplicidade de interpretações e leituras possíveis do texto literário.

Recursos didáticos:

- Cópias das crônicas trabalhadas na aula anterior;
- Quadro e pincel;
- Slides com definição e características do gênero crônica;
- Alunos com caneta e caderno para registros.

ACESSO AO
MATERIAL DA AULA



ABERTURA (ATIVANDO CONHECIMENTOS PRÉVIOS)

Apresente a frase: "Cada leitor lê não apenas o texto, mas também a si mesmo nele." (Jauss, adaptado). Reflita com a turma sobre como a literatura e o texto estão conectados com a vida, aproveite essa oportunidade para reforçar aos alunos a importância do texto literário em sua formação leitora e acadêmica. Em seguida, faça uma sondagem sobre o que os alunos entendem por gênero crônica.

ETAPA: INTERPRETAÇÃO

CRÔNICA - CONCEITO

Neste passo, projete em slide um material de apresentação referente ao conceito do gênero crônica quanto suas características, elementos estruturais, meios de veículo de divulgação.

MEDIAÇÃO CRÍTICA (EXPLORANDO O GÊNERO)

Retorne aos textos da aula anterior, escolha um ou dois deles, e proponha a leitura com o olhar mais atento para como o texto é construído. Discuta as seguintes questões:

Sobre o conteúdo

- Sobre o que o texto fala?
- O que há de cotidiano ou real nele?

Sobre a forma

- Como o texto começa? Como termina?
- A linguagem é mais próxima da fala ou da escrita formal?
- O final traz surpresa, humor ou crítica?

PRODUÇÃO CRIATIVA (PÓS-LEITURA)

Logo depois, peça que retomem ao rascunho do texto que produziram ou iniciaram na aula anterior e façam os ajustes necessários para adequá-lo às características do gênero crônica.

FECHAMENTO CRÍTICO

Para encerrar o momento 03, recapitule os conceitos discutidos na aula, mostrando que a crônica enquanto gênero literário é constituída de fatos reais, que ocorrem no cotidiano, que pequenos eventos ou simples momentos podem se tornar em uma produção artística-literária, mas também deixa claro que podem ser ficcionais para atingir um objetivo de diálogo ou expressão.

CAPÍTULO 04

ETAPA: SOCIALIZAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO

Função: protagonismo autoral, apropriação do gesto literário.

Antes da aula: Para essa aula, é importante que o tempo seja bem aproveitado, pois trata-se de um contexto de produção e culminância. Apresente o roteiro do encontro para a turma e siga os próximos passos.

Objetivos do encontro:

- Mapear as aprendizagens sobre leitura e produção de crônicas;
- Incentivar o uso das características do gênero crônica de forma criativa e consciente;
- Refletir criticamente sobre como os horizontes de expectativa dos alunos foram mobilizados e deslocados;
- Desenvolver a autoria como forma de expressão estética e social;
- Estimular a autoavaliação e a percepção do papel ativo do leitor/autor;
- Promover o diálogo entre literatura e identidade.

Recursos didáticos:

- Cópia impressa da crônica “Meu ideal seria escrever” de Rubem Braga;
- Quadro e pincel;
- Caneta.

ATIVÇÃO INICIAL (RECORDAR PARA REFLETIR)

Professor, inicialmente faça a socialização de três pontos de vista:

- “Todo texto depende do leitor para existir.” (Jauss)
- “A crônica revela grandeza no trivial.” (Candido)
- “Ler é também interpretar o mundo.” (Freire)

Em seguida, explique o que cada autor quis dizer e peça aos alunos para comentarem qual dessas frases mais se relaciona com a experiência dos encontros.

ETAPA: SOCIALIZAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO

SOCIALIZAÇÃO

Neste passo, peça aos alunos que socializem suas produções fazendo um breve comentário do motivo que levou a escrever a respeito ou como o grupo acordou em produzir com a seguinte temática.

MOMENTO SÍNTESE (AUTOAVALIAÇÃO)

Solicite que cada aluno escreva um breve depoimento sobre sua experiência com a crônica durante o percurso dos encontros:

- O que mais o surpreendeu no processo de leitura;
- Como sua visão sobre o cotidiano mudou (ou não);
- Como se sentiu produzindo e compartilhando seus textos.

FECHAMENTO ESTÉTICO (EXPERIÊNCIA DE FRUIÇÃO)

Apresente a crônica contemporânea de Rubem Braga "Meu ideal seria escrever". Um manifesto poético do cronista, revelando sua aspiração de escrever algo simples e engraçado, mas capaz de curar tristezas, reconciliar corações e humanizar o mundo. Leia em voz alta e deixe que os alunos dialoguem sobre o que ouviram e leram.

an

ex

os

NOTÍCIA DE JORNAL

Fernando Sabino

Leio no jornal a notícia de que um homem morreu de fome. Um homem de cor branca, trinta anos presumíveis, pobremente vestido, morreu de fome, sem socorros, em pleno centro da cidade, permanecendo deitado na calçada durante setenta e duas horas, para finalmente morrer de fome.

Morreu de fome. Depois de insistentes pedidos de comerciantes, uma ambulância do Pronto Socorro e uma radiopatrulha foram ao local, mas regressaram sem prestar auxílio ao homem, que acabou morrendo de fome.

Um homem que morreu de fome. O comissário de plantão (um homem) afirmou que o caso (morrer de fome) era alçada da Delegacia de Mendicância, especialista em homens que morrem de fome. E o homem morreu de fome.

O corpo do homem que morreu de fome foi recolhido ao Instituto Médico Legal sem ser identificado. Nada se sabe dele, senão que morreu de fome. Um homem morre de fome em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa – não é homem. E os outros homens cumprem seu destino de passantes, que é o de passar. Durante setenta e duas horas todos passam, ao lado do homem que morre de fome, com um olhar de nojo, desdém, inquietação e até mesmo piedade, ou sem olhar nenhum, e o homem continua morrendo de fome, sozinho, isolado, perdido entre os homens, sem socorro e sem perdão.

Não é de alçada do comissário, nem do hospital, nem da radiopatrulha, por que haveria de ser da minha alçada? Que é que eu tenho com isso? Deixa o homem morrer de fome.

E o homem morre de fome. De trinta anos presumíveis. Pobremente vestido. Morreu de fome, diz o jornal. Louve-se a insistência dos comerciantes, que jamais morrerão de fome, pedindo providências às autoridades. As autoridades nada mais puderam fazer senão remover o corpo do homem. Deviam deixar que apodrecesse, para escarmento dos outros homens. Nada mais puderam fazer senão esperar que morresse de fome.

E ontem, depois de setenta e duas horas de inanição em plena rua, no centro mais movimentado da cidade do Rio de Janeiro, um homem morreu de fome.

Morreu de fome.

A BOLA

Luis Fernando Verissimo

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro.

Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse "Legal!". Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

— Como é que liga? - perguntou.

— Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

— Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

— Não precisa manual de instrução.

— O que é que ela faz?

— Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

— O quê? — Controla, chuta...

— Ah, então é uma bola.

— Claro que é uma bola.

— Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

— Você pensou que fosse o quê?

— Nada, não.

O garoto agradeceu, disse "Legal" de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado Monster Ball, em que times de monstrinhos disputavam a posse de uma bola em forma de bip eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam se destruir mutuamente. O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina.

O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

— Filho, olha.

O garoto disse "Legal" mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa ideia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

O VENDEDOR DE QUEIJO

Alexandre Azevedo

Saiu o vendedor de queijos a vender seus queijos pelas ruas da cidade. Na primeira casa que encontrou, arriou sua sacola e pôs-se a bater palmas. A empregada, pobrementemente vestida, saiu à porta para atendê-lo:

- Pois não?

- A patroa não deseja comprar um queijinho?

A empregada mandou-o esperar um instante e foi para dentro da casa perguntar à patroa se ela não queria queijo. Alguns minutos depois, voltou:

- A patroa mandou perguntar se é mineiro.

- Não, senhora, sou paraibano!

A empregada foi novamente falar com a patroa. Depois:

- A patroa quer saber se o queijo é de Minas.

- Sei não, senhora. Acho que nasceu aqui mesmo. Que diferença faz se é mineiro ou cearense? Queijo é queijo!

- Mas a patroa disse que só compra se ele for mineiro! É mineiro ou não é?

O vendedor, para não perder a freguesa, falou que era.

- Então, prova! - disse a empregada.

- Olha, dona, eu não tenho aqui comigo a certidão de nascimento dele, não. Mas só tem um jeito de descobrir se ele é mineiro ou não.

- E qual é? - quis saber a empregada.

- Fácil - respondeu ele. - A senhora dá uma apertadinha nele. Se ele disser uai, é mineiro!

- E se não disser? - indagou a empregada.

- Não tem erro. É mineiro mudo!

DA UTILIDADE DOS ANIMAIS

Carlos Drummond de Andrade

Terceiro dia de aula. A professora é um amor. Na sala, estampas coloridas mostram animais de todos os feitios. É preciso querer bem a eles, diz a professora, com um sorriso que envolve toda a fauna, protegendo-a. Eles têm direito à vida, como nós, e além disso são muito úteis. Quem não sabe que o cachorro é o maior amigo da gente? Cachorro faz muita falta. Mas não é só ele não. A galinha, o peixe, a vaca... Todos ajudam.

- Aquele cabeludo ali, professora, também ajuda?

- Aquele? É o iaque, um boi da Ásia Central. Aquele serve de montaria e de burro de carga. Do pelo se fazem perucas bacanas. E a carne, dizem que é gostosa.

- Mas se serve de montaria, como é que a gente vai comer ele?

- Bem, primeiro serve para uma coisa, depois para outra. Vamos adiante. Este é o texugo. Se vocês quiserem pintar a parede do quarto, escolham pincel de texugo. Parece que é ótimo.

- Ele faz pincel, professora?

- Quem, o texugo? Não, só fornece o pelo. Para pincel de barba também, que o Arturzinho vai usar quando crescer.

Arturzinho objetou que pretende usar barbeador elétrico. Além do mais, não gostaria de pelar o texugo, uma vez que devemos gostar dele, mas a professora já explicava a utilidade do canguru:

- Bolsas, mala, maletas, tudo isso o couro do canguru dá pra gente. Não falando da carne. Canguru é utilíssimo.

- Vivo, fessora?

- A vicunha, que vocês estão vendo aí, produz... produz é maneira de dizer, ela fornece, ou por outra, com o pelo dela nós preparamos ponchos, mantas, cobertores, etc.

- Depois a gente come a vicunha, né fessora?

- Daniel, não é preciso comer todos os animais. Basta retirar a lã da vicunha, que torna a crescer...

- A gente torna a corta? Ela não tem sossego, tadinha.

- Vejam agora como a zebra é camarada. Trabalha no circo, e seu couro listrado serve para forro de cadeira, de almofada e para tapete. Também se aproveita a carne, sabem?

- A carne também é listrada? - pergunta que desencadeia riso geral.

DA UTILIDADE DOS ANIMAIS

Carlos Drummond de Andrade

- Não riam da Betty, ela é uma garota que quer saber direito as coisas. Querida, eu nunca vi carne de zebra no açougue, mas posso garantir que não é listrada. Se fosse, não deixaria de ser comestível por causa disto. Ah, o pinguim? Este vocês já conhecem da praia do Leblon, onde costuma aparecer, trazido pela correnteza. Pensam que só serve para brincar? Estão enganados. Vocês devem respeitar o bichinho. O excremento - não sabem o que é? O cocô do pinguim é um adubo maravilhoso: guano, rico em nitrato. O óleo feito da gordura do pinguim...

- A senhora disse que a gente deve respeitar.

- Claro. Mas o óleo é bom.

- Do javali, professora, duvido que a gente lucre alguma coisa.

- Pois lucra. O pelo dá escovas é de ótima qualidade.

- E o castor?

- Pois quando voltar a moda do chapéu para os homens, o castor vai prestar muito serviço. Aliás, já presta, com a pele usada para agasalhos. É o que se pode chamar de um bom exemplo.

- Eu, hem?

- Dos chifres do rinoceronte, Belá, você pode encomendar um vaso raro para o living da sua casa. Do couro da girafa Luís Gabriel pode tirar um escudo de verdade, deixando os pelos da cauda para Tereza fazer um bracelete genial. A tartaruga-marinha, meu Deus, é de uma utilidade que vocês não calculam. Comem-se os ovos e toma-se a sopa: uma de-lí-cia. O casco serve para fabricar pentes, cigarreiras, tanta coisa. O biguá é engraçado.

- Engraçado, como?

- Apanha peixe pra gente.

- Apanha e entrega, professora?

- Não é bem assim. Você bota um anel no pescoço dele, e o biguá pega o peixe mas não pode engolir. Então você tira o peixe da goela do biguá.

- Bobo que ele é.

- Não. É útil. Ai de nós se não fossem os animais que nos ajudam de todas as maneiras. Por isso que eu digo: devemos amar os animais, e não maltratá-los de jeito nenhum. Entendeu, Ricardo?

- Entendi, a gente deve amar, respeitar, pelar e comer os animais, e aproveitar bem o pelo, o couro e os ossos.

MEU IDEAL SERIA ESCREVER

Rubem Braga

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse – “ai meu Deus, que história mais engraçada!” E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria – “mas essa história é mesmo muito engraçada!”

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para cara do outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera a minha história chegasse – e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse – “por favor, se comportem, que diabo! eu não gosto de prender ninguém!” E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

E que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e se fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês, em Chicago – mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: “Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina”.

E quando todos me perguntassem – “mas de onde é que você tirou essa história?” – eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, e que por sinal começara a contar assim: “Ontem ouvi um sujeito contar uma história...”

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.

GLOSSÁRIO

NOTÍCIA DE JORNAL

ÍNTEGRA – CONTEÚDO COMPLETO, SEM CORTES.

PRELIMINARES – ETAPAS INICIAIS, INTRODUTÓRIAS.

COMPILAÇÃO – REUNIÃO ORGANIZADA DE INFORMAÇÕES OU TEXTOS.

VEICULAÇÃO – DIVULGAÇÃO EM MEIOS DE COMUNICAÇÃO.

O VENDEDOR DE QUEIJOS

BALBÚRDIA – CONFUSÃO, DESORDEM.

IMPERTINENTE – INOPORTUNO, DESAGRADÁVEL.

ALTIVO – ARROGANTE, ORGULHOSO.

PERSCRUTAR – OBSERVAR ATENTAMENTE, EXAMINAR.

EXASPERADO – MUITO IRRITADO, ENFURECIDO.

LASSIDÃO – CANSAÇO, FADIGA.

A BOLA

ESTUPEFATO – SURPRESO, PASMO.

INTRANSIGENTE – INFLEXÍVEL, QUE NÃO CEDE.

DESVANECER-SE – DESAPARECER, SUMIR.

CONJECTURAR – SUPOR, LEVANTAR HIPÓTESES.

DESALENTO – DESÂNIMO, ABATIMENTO.

DA UTILIDADE DOS ANIMAIS

PROEMINENTE – QUE SE DESTACA, IMPORTANTE.

IDÔNEO – ADEQUADO, APROPRIADO.

DISCORRER – DESENVOLVER RACIOCÍNIO, EXPLANAR.

INERENTE – QUE FAZ PARTE DA ESSÊNCIA, INSEPARÁVEL.

RUDIMENTAR – PRIMITIVO, SIMPLES, POUCO DESENVOLVIDO.

PLAUSÍVEL – ACEITÁVEL, CONVINCENTE.



DEPOIMENTO

DEPOIMENTO